

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Licenciatura em Educação Física**

JÚLIO CÉSAR RODRIGUES DA CRUZ

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL
NA TENDÊNCIA CRÍTICO-SUPERADORA EM TURMAS DE
4º E 5º ANO NA ESCOLA INFÂNCIA NO SESI DE
GUAXUPÉ-MG**

JÚLIO CÉSAR RODRIGUES DA CRUZ

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL
NA TENDÊNCIA CRÍTICO-SUPERADORA EM TURMAS DE
4º E 5º ANO NA ESCOLA INFÂNCIA NO SESI DE
GUAXUPÉ-MG**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Muzambinho, como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física. Orientado pelo professor MSc. Mateus Camargo Pereira.

**MUZAMBINHO
2012**

COMISSÃO EXAMINADORA

Ms. MATEUS CAMARGO PEREIRA

Ms. LIA POLEGATO CASTELAN

Ms. FABIANO FERNANDES DA SILVA

Muzambinho, 01 de agosto de 2012.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amigos Adilson Panhota Scarpel, Jonathan Tavares Dias, Leonardo Martins Salles, Israel Xavier da Silva Junior, pela verdadeira amizade e por sempre prestar ajuda nos momentos em que precisamos. Também dedico à todos nossos colegas da classe por nos ensinar coisas úteis na vida que para sempre estará guardada comigo nessa experiência de vida que vivi por esses três anos de estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por iluminar minha caminhada, ao meu orientador Mateus Camargo Pereira que sem ele jamais conseguiria realizar essa pesquisa, pois foi um desafio trabalhar com uma perspectiva de trabalho muito diferente do que estava acostumado, e também agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação. Agradeço aos meus pais Joaquim e Leticia por dar-me créditos de confiança à minha dedicação pela luta de estar aqui hoje na reta final e começo de uma nova etapa da vida, agradeço aos meus irmãos Douglas e Isabela pelo apoio prestado.

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito”.

(Chico Xavier)

CRUZ, Júlio César Rodrigues Da. **Proposta Pedagógica para o Ensino do voleibol na Tendência Crítico-Superadora em Turmas de 4º e 5º Ano na Escola Infância No SESI de Guaxupé-MG.** 2012. 36 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo construir uma seqüência pedagógica para o ensino do voleibol na Tendência Crítico superadora em estudantes do 4º e 5º ano do ensino fundamental na Escola Infância no SESI de Guaxupé. Os instrumentos de coleta utilizados foram filmagens das aulas e diário de campo. A análise dos dados coletados identificaram os momentos de aparecimento dos seguintes momentos da reflexão pedagógica: diagnóstico, julgamento e transformação. Foram aplicadas 6 aulas que foram filmadas e registradas em diário de campo. Houve um progresso de crescimento na construção do conhecimento sistematizado dos elementos vividos pelos alunos durante o processo pedagógico, além de assimilação de princípios técnicos- táticos. Ao final do processo, concluímos que o ensino do voleibol na tendência Crítico Superadora mostrou-se viável, com a crescente participação dos estudantes e aumento de intervenções judicativas e transformadoras do jogo. O jogo contextualizado e adequado ao público em questão é o principal elemento conclusivo deste trabalho. Sugerimos em outro momento que fossem aplicadas mais aulas para que aprofunde- se no conteúdo aplicado. Esperamos que novas pesquisas possam surgir a partir da proposta em que elaboramos.

Palavras-chave: Voleibol, Tendência Crítico Superadora.

CRUZ, Júlio César Rodrigues Da. **Proposta Pedagógica para o Ensino do voleibol na Tendência Crítico-Superadora em Turmas de 4º e 5º Ano na Escola Infância No SESI de Guaxupé-MG.** 2012. 37 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

ABSTRACT

This study aimed to construct a pedagogical sequence for teaching volleyball in Critical overmastering tendency among students of 4th and 5th grade of elementary school in School Children SESI Guaxupé. The data collection instruments used were filming the classes and field journal. The analysis of data collected to identify the moments of appearance of the following moments of pedagogical reflection: diagnosis, judgment and transformation. We applied six classes that were filmed and recorded in a field diary. There has been a growth in the construction of systematic knowledge of the elements experienced by students during the teaching process, and assimilation of technical-tactical principles. At the end of the process, we conclude that the teaching of volleyball in Critical overmastering tendency proved to be feasible, with the increasing participation of students and increased interventions judicial hearings and transforming the game. The game context and appropriate to the relevant public is the main element of this work conclusively. We suggest another time they were applied to more classes that delve into the content applied. We hope that further research may arise from the proposal we make.

Keywords: Volleyball, surpassing Critical Trends.

SUMÁRIO

1	Introdução	10
1.1	Justificativa	10
1.2	Objetivos	11
2	Revisão de Literatura	12
2.1	Educação Física e seu contexto histórico	12
2.2	Tendência Crítico-Superadora	14
2.3	O voleibol trabalhado na Tendência Crítico-superadora	17
2.4	O voleibol e seu contexto sócio histórico.....	19
2.5	O voleibol moderno e seu contexto oficial	21
2.5.1	As técnicas e os sistemas táticos do voleibol.....	22
3	Metodologia.....	25
3.1	Classificação	24
3.2	Amostra	24
3.2.1	Critérios de inclusão	24
3.2.1	Critérios de exclusão	24
3.3.3	Ética da Pesquisa.....	24
3.4	Materiais e Métodos	24
3.4.1	Materiais.....	24
3.4.2	Métodos.....	25
3.5	Procedimentos	25
4	Resultados e Discussão	26

5 Considerações Finais	31
Referências Bibliográficas	32
Apêndices.....	34
Apêndice I	35
Apêndice II	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva- se construir uma sequência pedagógica para o ensino do voleibol na perspectiva crítico superadora vivenciando técnicas da modalidade em atividades de jogo. Abordamos a existência da modalidade oficial e seu contexto histórico, buscando alternativas para que possamos utilizar outras formas de se jogar voleibol nas aulas de educação física.

Na tendência crítico-superadora, o esporte sendo tema da cultura corporal, evidencia o sentido e significado de valores no seu contexto sócio- histórico. Nessa tendência o conhecimento e domínios dos elementos técnicos e táticos não são desconsiderados, mas também não são exclusivos e únicos conteúdos do tema trabalhado. O voleibol traz consigo a contradição do erro/acerto, fazendo-o constatar o quanto seria desprazeroso uma partida em que a bola não caísse. O erro pode ser utilizado como ato educativo, pois ele deixa de fortalecer o sentimento de fracasso, superando- o e assim auxiliando no processo pedagógico como fator educativo; o acerto não permitiria o sentimento de vitória e dominação do adversário, e sim permite a superação dos seus próprios erros na execução (SOARES et al, 1992).

A cultura corporal é uma forma de manifestação, linguagem criada, transmitida e assimilada pela humanidade numa perspectiva histórica através da expressão corporal e tem como exemplo as danças, lutas, ginástica, capoeira e esporte.

Com intuito de formular uma proposta para o ensino do voleibol em turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental na Escola “Infância no SESI” (Peres e Cruvinel Cia. Ltda.), no SESI Guaxupé – MG pautamo-nos pela tendência crítico-superadora como suporte para nossa empreitada.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente estudo tornou- se importante para o público envolvido no processo, pois buscou construir uma forma de ensinar o voleibol de maneira contextualizada, inclusiva e que transforma os estudantes em sujeitos do processo pedagógico. O ensino do voleibol tratado aqui apresentou uma característica que englobava o contexto coletivo que prevaleceu sobre o individual, pois focamos o

ensino através de jogos, que foi eficiente para o aprimoramento técnico dos fundamentos envolvidos dentro da dinâmica do jogo.

1.2 OBJETIVO

Construir uma sequência pedagógica para o ensino do voleibol na Tendência Crítico-superadora em turmas de 4º e 5º ano na Escola Infância no SESI de Guaxupé- MG.

2 Revisão de Literatura

2.1 Educação Física e seu contexto histórico

Para Soares et al (1992) a educação física surgiu pela necessidade de uma sociedade capitalista em ascensão, sendo ela uma prática pedagógica identificada com as necessidades dessa sociedade.

(...) o nascimento da EF se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo (SOARES et al, 1992 apud BRACHT, 1999, p.73).

Tal situação caracteriza o período higienista da educação física. Nesse período o médico teve papel fundamental. Ele exercia sua autoridade por dominar conceitos biológicos. A preocupação da elite burguesa era o desenvolvimento da aptidão física nos indivíduos daquela época, utilizando os métodos ginásticos (SOARES et al, 1992).

De acordo com Betti (1991, apud PEREIRA, 1999) a educação física no Brasil foi incluída no ano de 1850 através da Reforma Couto Ferraz, tornando a ginástica obrigatória no ensino primário e a dança no ensino secundário. Somente no Rio de Janeiro e nas escolas militares essa lei da reforma foi cumprida.

A instituição militar tinha a prática — exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito numa perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos) (SOARES et al, 1992 apud BRACHT, 1999, p 73).

Nas quatro primeiras décadas do século XX a educação física teve seu auge na sistematização militar, correspondente do projeto de sociedade idealizado pelo Estado Novo. A educação física escolar era entendida com prática exclusiva sem diferenciar da instrução física militar. Além disso, nessa época os professores da

área eram formados em instituições militares. Esse quadro começa a mudar após 1939 com a criação da primeira escola civil de formação de professores de educação física (SOARES et al, 1992).

Após a segunda guerra mundial, foi adotado no Brasil o modelo desportivo nas aulas de Educação Física escolar. A influência esportiva fez com que o ambiente escolar se parecesse com uma instituição esportiva. A hegemonia do conteúdo do esporte fez com que a relação entre professor e aluno se assemelhasse a de treinador e atleta. Este modelo esportivista foi fortalecido pela pedagogia tecnicista (SOARES et al, 1992).

Então, a partir da década de 80 surgiram análises crítica do paradigma da aptidão física, entrando o conhecimento das ciências sociais e humanas na área da educação física, ficando denominado esse período de movimento renovador da educação física (BRACHT, 1999).

Surgiram várias propostas:

- 1) Abordagem desenvolvimentista: oferecia propostas de experiência motoras buscando o desenvolvimento motor. Tem como obra de referência o livro “Educação física: fundamentos para uma abordagem desenvolvimentista”, de Tani et all (1988).
- 2) Abordagem psicomotricidade: propunha utilizar o movimento para auxiliar em outras disciplinas; a psicomotricidade tinha como meta a aprendizagem cognitiva, afetiva e psicomotora, desvalorizando os conteúdos esportivos da educação física, entendendo- os como inapropriados para a criança. Tem como obra de referência a obra “Educação Física de Corpo Inteiro”, de Freire (1997).
- 3) Tendência Crítico-Superadora, fundamentada na perspectiva histórico-crítica, onde a proposta da educação física é a cultura corporal concretizada nos diferentes temas, sistematizando o conhecimento em ciclos. A obra síntese dessa tendência é “Metodologia do ensino da Educação Física”, de Soares et all (1992).

Para a realização de nosso trabalho, escolhemos como referência a última tendência.

2.2 Tendência Crítico-Superadora

A tendência crítico-superadora tem como ponto de vista a crítica à sociedade capitalista em que vivemos. Esta sociedade favorece a burguesia, representada pela minoria, em relação à classe trabalhadora, representada pela maioria. Em cima deste parâmetro social, essa concepção pedagógica tem como foco trabalhar com a superação desta sociedade capitalista transformando esses fatores comprometedores, como exclusão dos menos habilitados, do mais fraco, que por consequência, refletindo a situação de desigualdade social entre as classes (SAYÃO, MUNIZ, 2004).

A tendência crítico-superadora tem sua reflexão pedagógica especificada nos princípios: diagnóstico, julgamento e transformação. O diagnóstico é a compreensão da realidade; julgamento é o estabelecimento de um juízo acerca dos elementos vividos na sociedade; e na transformação o objetivo é superar os elementos identificados como prejudiciais a sua visão de mundo (SOARES et al, 1992).

Essa tendência faz uma leitura dos dados da realidade, a partir disso busca alterar e apontar uma luta necessária pela hegemonia de idéias da classe operária, fazendo assim um redimensionamento dos conceitos morais, políticos e intelectuais em busca de igualdade a classe menos favorecida (SAYÃO, MUNIZ, 2004).

Em relação à concepção de homem, a tendência crítico-superadora defende que na busca de uma nova sociedade novos valores devem ser afirmados. Assim, a solidariedade deve substituir o individualismo, a cooperação deve vencer a competição, a distribuição deve prevalecer sobre a apropriação, a liberdade de expressão deve levar à emancipação superando assim a dominação e a submissão do homem pelo homem (SAYÃO, MUNIZ, 2004, p. 194-195).

Sayão e Muniz (2004) nos contam que a escola deve oportunizar experiências e vivências de expressão corporal, que evidencia linguagens que foram construídas pelo homem no decorrer da história, servindo como instrumento que contrapõe os modelos tradicionais que impõe subjetividades de uma sociedade capitalista.

A tendência crítico-superadora tem como um de seus princípios a escolha de seu conteúdo a ser desenvolvido onde há relevância social desse conteúdo para fazer com que o indivíduo crie seu significado relacionando com a realidade social no qual também se entende suas condições sócio-históricas de seu ambiente de convívio (SOARES et al, 1992 apud CUNHA et al, s/ano)

Na tendência referida a organização e a sistematização do trabalho tem como seus aspectos metodológicos o confronto e a contraposição do conhecimento científico confrontada com os conhecimentos populares; os conteúdos empregados da realidade fazem interligação com os conteúdos relacionados ao desenvolvimento da compreensão da realidade; a espiralidade que tem ampliação do conhecimento à medida que as referências de pensamento vão aumentando- se; a provisoriedade do conhecimento faz o aluno agir contra a concepção de que o conhecimento é finito, criando a noção de subjetividade histórica (SOARES et al,1992 apud CUNHA et al, s/ano).

Baseado em Soares et al (1992) apresentamos alguns conceitos da tendência crítico-superadora:

- A tendência crítico-superadora trabalha com a reflexão da cultura corporal e é voltada pela ideia marxista que constitui a uma concepção socialista pela igualdade social.
- Ao desenvolver um conteúdo a ser aplicado nas aulas de educação física, deve-se seguir o projeto-político pedagógico que representa a ação deliberada, intenção, estratégia que deve seguir para ser realizado o trabalho a ser feito num determinado período.
- A cultura corporal é uma linguagem que é transmitida e assimilada pelo próprio homem, do que ele produziu e sistematizaram historicamente através de expressão corporal, como exemplo disso temos esporte, lutas, danças, jogos, ginástica, mímica, capoeira e é responsabilidade da disciplina Educação Física pedagogizar estas práticas em diversos locais distintos.
- A tendência Crítico-Superadora propõe-se a trabalhar com a forma de organização em ciclos tentando superar o modelo tradicional de séries de ensino que visa atingir suas metas por etapas. O conteúdo abordado vem

formando referências para o aluno de forma espiralada até ele conseguir interpretar e compreender o que vem sendo ensinado.

Baseado em Soares et al (1992) apresentamos o conceito de ciclos:

- A organização se divide em quatro ciclos. O primeiro ciclo vai da educação infantil até o 4º ano. É onde se organizam os dados da realidade. O aluno está na fase da experiência sensível, e os dados aparecem de forma difusa e misturada, o aluno quando categoriza, associa e classifica os objetos; é um sinal de evolução no processo pedagógico.
- O segundo ciclo vai do 5º ao 7º ano. É o ciclo da iniciação da sistematização do conhecimento. O aluno adquire consciência de sua atividade mental.
- O terceiro ciclo vai da 8º ao 9º ano. Este é o ciclo da ampliação do conhecimento sistematizado, onde o aluno torna consciência de sua prática teórica e amplia suas referências conceituais de seu pensamento.
- O quarto ciclo são o 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, sendo a fase de aprofundamento do conhecimento sistematizado, o aluno consegue adquirir uma relação especial com o objeto refletindo sobre o mesmo.

A tendência crítico-superadora contribuiu para o avanço da educação física como componente curricular, pois tem como proposta em seu projeto político-pedagógico a formação humana e transformação social, comprometendo-se com a transformação do saber produzido pela humanidade (SILVA, 2003).

2.3 O voleibol trabalhado na Tendência Crítico-Superadora

No voleibol temos uma contradição denominada de erro/acerto que segundo Soares et al (1992):

O erro, judicativamente, deixaria de fortalecer o sentimento de fracasso para se tornar um ato educativo e o acerto não teria a sua conotação exclusiva de vitória, disputa, dominação sobre o adversário. O saque bem colocado resulta de uma quantidade de exercitação em determinadas condições e permite o aperfeiçoamento da técnica que abre possibilidades para o "salto qualitativo" de superação dos erros da execução.

O mesmo autor enfatiza:

Com isso se quer dizer que erro/acerto, vontade coletiva, valores éticos, morais e políticos, habilidades e domínio técnico são determinações para as mudanças qualitativas. Essas ainda se relacionam a outras determinações, como, por exemplo, outras técnicas, táticas, espaços físicos, materiais, processos pedagógicos, relações sociais (posição que cada qual ocupa no esporte e como cada jogador se relaciona com o outro - cooperando ou explorando) com as instituições sociais (normas, campeonatos) etc.

Esse tratamento não se coloca na perspectiva de uma organização escolar rígida e conservadora, uma vez que diferentes espaços podem ser utilizados: a quadra ou o campo para o jogo, a sala de aula para a reflexão pedagógica sobre ele, o recreio para uma "pelada", um campeonato para constatar os dados, identificar as classificações, as generalizações.

Os fundamentos do voleibol podem ser ensinados em qualquer série de ensino, mas respeitando os estágios de desenvolvimento da criança, estando de acordo com os conteúdos abordados em cada ciclo de ensino, uma das sugestões proposta por Soares et al (1992), é a aplicação do mini - vôlei que apresenta um conteúdo de princípios técnicos táticos que podem ser aplicados em turmas de 4º a 6º ano.

Não podemos abandonar os esportes nas aulas de Educação Física. Devemos rever e repensar a maneira de como aplicar, atualizando a maneira de lidar com a proposta pedagógica escolar (CLAZER, GUAITA, s/ano).

Para ensinar o voleibol utilizando a tendência pedagógica que está sendo abordada no momento, devemos propor um princípio que faz o aluno pensar que está jogando com o seu companheiro e não com seu adversário, pois devemos fazer com que o coletivo prevaleça sobre o individual (SOARES et al, 1992)

...Para que o esporte seja modificado é necessário enxergá-lo como instituição social que produz e reproduz um sistema de valores, mas é imprescindível afirmar a sua condição de produção humana, como algo passível de transformação, inclusive pela prática pedagógica (OLIVEIRA, 2005, p.197 apud CLAZER, GUAITA, s/ano).

O voleibol deve ser trabalhado nas aulas de educação física. Seu modelo oficial deve ser abordado com algumas alterações e discussões da abordagem, como regras, sistemas de disputas e número de participantes no jogo. Por exemplo, o set pode ter menos de 25 pontos sendo de 10 pontos (CLAZER, GUAITA, s/ano).

Utilizar o esporte como conhecimento cultural humano permite analisar a sociedade que o utiliza ou não. Possibilita ao aluno ter consciência sobre a evolução da sociedade, sua realidade e possibilidade, sendo o esporte algo dentro do contexto social e político humano (CLAZER, GUAITA, s/ano).

Qualquer conhecimento cultural que tratamos na escola deve despertar uma consciência crítica sobre o tema. A Educação Física com seus conteúdos, entre eles o esporte e o voleibol deve buscar formar alunos conscientes e capazes de intervir para melhorar a sociedade (CLAZER, GUAITA, s/ano).

O voleibol nessa perspectiva trabalhada tem que assumir um parâmetro de esporte da escola, para melhor resolver os problemas analisados em relação aos participantes da aula na prática esportiva, e também atender as necessidades da realidade escolar em relação ao espaço físico, recursos humanos e financeiros (CLAZER, GUAITA, s/ano).

O voleibol atualmente é fruto de produções capitalista que ao decorrer da história vem sendo esportivizada em vista da mercantilização capitalista. Silva (2003) aplicou uma pesquisa com essa linha de trabalho de comercialização esportiva, possibilitando ao aluno compreender que o voleibol é um fenômeno cultural, produto da sociedade capitalista. Nesse estudo, buscou meios para que os estudantes compreendessem as transformações que aconteceram como, por exemplo, motivo que levou o voleibol sofrer várias alterações nas regras. Também buscou saber por que não conseguiu atingir a mesma popularidade do futebol através das alterações sofridas. E com isso ele procurou reconstruir o voleibol junto com os alunos a partir das necessidades que o grupo em ação apresentava, e a proposta principal de seu trabalho era romper as dificuldades e limitações impostas pela cultura esportivista da educação física.

2.4 O voleibol e seu contexto sócio-histórico

O voleibol foi criado em 1895, pelo professor Willian C. Morgan, da Associação Cristã de Moços, sendo denominado de Minonette. Sua necessidade à princípio era substituir o basquetebol e os exercícios calistênicos. Ambos têm uma característica mais cansativa e os associados mais velhos precisavam de um esporte menos desgastantes para os homens de 40 e 50 anos (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Primeiramente o novo esporte era constituído por um sistema de jogo disputado por nove pontos, rede na altura de 1,90 metros - um pouco acima da estatura de um homem mediano -, e inicialmente sua bola era uma câmara de bola de basquetebol, sendo substituída posteriormente por uma nova bola parecida com as atuais que foi encomendada pela firma A. G. Spalding & Brothers (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Marchi Júnior (2001) nos relata que o voleibol foi criado na intenção de que a prática da modalidade fosse restrita a clubes cristãos da sociedade presbiteriana da ACM. Não se intencionava popularizar o esporte, sendo ele restrito a profissionais liberais, e determinadas representações sociais eram exigidas. Posteriormente percebem-se mudanças, pois o voleibol começa a fluir, outras classes sociais começam a ter o acesso pela modalidade, o praticante deveria valorizar aspectos culturais e sociais, relevando sentimentos mais importantes pelo prazer, pela prática esportiva e paixão pelo voleibol que transformara em um meio recreativo; ou se não a modalidade fracassaria diante da dominação da burguesia, ou seja, o voleibol iria transformar em uma modalidade pouco acessível e essa situação seria prejudicial para o seu desenvolvimento.

Somente em 1917, após várias alterações, o voleibol passou a ter uma rede de 2,43, set de 15 pontos. Em 1918, a regra dos 6 jogadores por quadra. Em 1920, as dimensões da quadra ganharam medidas de 18 metros de comprimento e 9 metros de largura. E em 1922, ano em que aconteceu o campeonato nacional das Associações Cristã de Moços nos Estados Unidos, foi regulamentado os três toques por equipe (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Em 1916, o voleibol foi introduzido no Brasil por intervenção da Associação Cristã de Moços na cidade de São Paulo. E por muitos anos essa prática persistiu somente como esporte amador até o ano de 1975, quando Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol e conseguiu conquistar e atrair empresas que patrocinassem as equipes de voleibol. O sucesso de seu projeto veio nas olimpíadas de Los Angeles, em 1984, pois as equipes de base estavam mais apoiadas em recursos financeiros. O voleibol, em termos administrativos, estava mais organizado, tendo uma infra-estrutura esportiva adequada para a profissionalização dos atletas (PEREIRA e HUNGER, 2003).

Na década de 70, o Japão foi um dos países que demonstrou grande revolução no voleibol e conquistou ouro olímpico nas olimpíadas de Munique em 1972 com a equipe masculina, pois se criava novas metodologias de treinamento e novas formas de se jogar com reforço tático e melhor preparação de seus atletas na referida modalidade, sendo um marco que findava a fase do amadorismo do voleibol. Em uma visita ao Brasil, o técnico Yasutaka Matsudaira do Japão, proferiu cursos e palestras para divulgar o modelo de treinamento japonês e associarem-se ao modelo dos latinos. Os japoneses fizeram um levantamento mostrando detalhes a serem desenvolvidos principalmente na estrutura administrativa, onde não ficou somente limitada a intervenção no modelo das técnicas, táticas e preparação física específica dos atletas (MARCHI JÚNIOR, 2001).

A partir da década de 80, há uma reflexão em torno do avanço de oportunidade de participação na aprendizagem e qualidades espetaculares do voleibol para a população que o prestigiava, observando também o surgimento de um mercado consumidor que adota produtos esportivos como fonte lucrativa para realizar uma representação simbólica (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Mas para Marchi Júnior (2001), percebe-se que o voleibol não está sendo trabalhado a favor de proporcionar um crescimento relevante em número de praticantes da modalidade referida, destacando ainda que a massificação não representa mais a prática esportiva, e sim uma criação de um público fanático que consomem cada vez mais símbolos esportivos que ampliam o campo do mercado consumidor, e desenvolvem incentivo e estímulo construindo um cidadão praticante de esporte elitizado.

Marchi Júnior (2001) fez um levantamento teórico relacionado com a teoria de Bourdieu, mostrando – nos que o voleibol foi um dos esportes assim como também o futebol, que fizeram parte deste cenário de evolução espetacularizando-se por uma sociedade de consumo para lucrar com uma imagem simbólica que tem em sua perspectiva, interpretação de mercantilizada que é a competição em emoções e mímicas do esporte.

2.5 O voleibol moderno e seu contexto oficial

O voleibol é o segundo esporte mais praticado pela população brasileira segundo a Confederação Brasileira de vôlei. Esse esporte criado em 1895 como formas de lazer e hoje praticado profissionalmente, também vem tendo constantes modificações em suas regras e exigindo atletas talentosos e de alta estatura. Uma mudança que comprometeu preocupação na condição física do atleta seria o ponto por rally, pois seu tempo diminuiu e acelerou o metabolismo anaeróbico, precisando ter um sistema anaeróbico alático bem mais desenvolvido (CABRAL, 2009).

A velocidade tem um papel fundamental para o atleta de voleibol, precisando ser cada vez mais rápido não só em termos de deslocamentos, mas também em realizar uma ação e pensar na hora de encontrar a solução (GARGANTA, apud CABRAL, 2009).

Para Marchi Júnior (2001) o voleibol foi criado por uma peculiaridade não descrita por historiadores, mas relatada a partir de práticas e jogos culturais, sendo modulado pelas estruturas que organizam uma sociedade norte-americana.

O voleibol é um jogo coletivo, em que a vitória é disputada por duas equipes cada uma com seis jogadores efetivos e no máximo seis suplentes, podendo um deles desempenhar a função de “líbero”. O objetivo do jogo é lançar a bola por cima da rede para o campo adversário, fazendo com que caia neste, e evitar que caia no da própria equipe (MELHEM, 2004 apud DELGADO, MARANGONI, BOJIKIAN, p.45, 2008).

2.5.1 As técnicas e os sistemas táticos do voleibol

Segundo Lemos (2004) alguns dos fundamentos básicos de voleibol que podem ser utilizados na iniciação são: o toque por cima, a manchete, o saque por baixo e por cima, o ataque que é denominado de cortada, o bloqueio e a defesa.

Costa (2005) apresenta as seguintes características para os sistemas táticos e nível técnico do voleibol:

- Os sistemas táticos que podem ser aplicados em um jogo de voleibol são 4x2 simples, 4x2 com infiltração, 5x1 e 6x6.
- Os sistemas de jogo que utilizam no voleibol podem ser denominados também como sistema de ataque devido a forma de distribuir o número de atacantes e o número de levantadores na quadra.
- Os sistemas táticos evoluíram durante o acompanhamento de desenvolvimento do nível técnico dos jogadores, surgindo assim uma necessidade de melhorar suas potencialidade individuais para e aprimorar melhor desenvolvimento tático das equipes.
- Surgiu também a necessidade de realizar a especialização de posições específicas dos jogadores dentro de cada sistema, onde encontram - levantadores e atacantes, atualmente foi desenvolvido o líbero que é especialista na defesa e na recepção.
- A especialização mais comentada é a posição do levantador, onde a perfeição do seu toque é sua especialidade e o livra de participar da recepção, cabendo a si, armar e distribuir as jogadas. Vale ressaltar que no sistema defensivo ele possui a mesma função aos demais jogadores .
- O que define um bom nível tático é a eficiência das habilidades técnicas, condições físicas e maturidade dos jogadores. Devemos destacar também as condições emocionais, raciocínio, percepção tática, conhecer as variáveis que compõe uma competição no que diz respeito as regras e os regulamentos.

A Tática Coletiva pode ser entendida como a agregação total das capacidades individuais dos jogadores, relacionadas com a condição técnica, física, tática, intelectual e psicológica, organizando-as e fortalecendo as entre si, com o sólido objetivo de minimizar as deficiências individuais e sobrepor-se coletivamente para induzir o erro e a falha adversária (Costa, p. 111, 2005).

Ainda existem os sistemas táticos em função dos fundamentos, no caso as táticas de saque que permite variabilidade do saque para obter melhores resultados, a tática de recepção composta pelos diferentes sistemas de recepção, a tática de ataque onde temos variabilidade de bolas levantadas para entrada de rede, meio e saída de rede, além das fintas realizadas pelos atacantes promovendo diferenciações em busca da conquista do rally e melhores resultados, a tática defensiva é outra que tem por objetivo organizar o bloqueio e cobertura defensiva onde a partir desta irá produzir um contra- ataque (Costa, 2005).

No desenvolvimento das técnicas do voleibol o Brasil sempre estava atrasado numa época em que os meios de comunicações não permitiam ainda rápido acesso à informação. Caso que aconteceu no mundial adulto masculino de 1964 quando descobriu-se a manchete e treinou-se a pela primeira vez um dia antes do campeonato, que colocou o Brasil em condições desfavorável em relação à outros países (RIZOLA NETO, 2010).

Segundo Fiedler (1976 apud RIZOLA NETO, 2010) os aspectos que envolvem um treinamento podem ser treinados até certo grau, onde o treinador deve respeitar a individualidade do atleta para que ele possa ampliar suas qualidades técnicas, lembrando que esse trabalho é de caráter desportivo desenvolvido em ambientes próprios a treinamento esportivos e inadequados dentro de uma perspectiva pedagógica escolar.

As técnicas do voleibol teoricamente são interpretadas de maneira igual por vários escritores, mas em sua execução prática pode ter variação devido à interpretação em que cada professor tem da mesma (RIZOLA NETO, 2010).

3 Metodologia

3.1 Classificação

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa e estudo de casos, pois os resultados que surgiram no diário de campo foram analisados e debatidos.

3.2 Amostra

A amostra será constituída em aproximadamente 21 estudantes em turmas de 4º e 5º ano da Escola Infância no SESI, de natureza particular, em Guaxupé, do gênero masculino e feminino.

3.2.1 Critérios de inclusão

Estar matriculado na Escola Infância no SESI, ser estudante das turmas de 4º ou 5º ano, de ambos os sexos.

3.2.2 Critérios de exclusão

Indivíduos que não atenderem os critérios de inclusão.

3.3.3 Ética da pesquisa

O presente trabalho deverá atender as Normas para a Realização de Pesquisa em Seres Humanos, Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996 (BRASIL, 1996).

Para participar desta pesquisa os pais ou responsáveis dos alunos deverão assinar o Termo de Participação Consentida (Contendo: objetivo do estudo, procedimentos de avaliação, possíveis conseqüências, caráter de voluntariedade da participação do sujeito e isenção de responsabilidade por parte do avaliador e da IFSULDEMINAS).

3.4 Materiais e Métodos

3.4.1 Materiais

Serão utilizados para a aplicação das aulas: bolas de voleibol de tamanho e peso oficial, rede de voleibol, apito e filmadora digital.

3.4.2. Métodos

Instrumentos da Coleta:

Para a realização da coleta foram utilizados:

- 1) Filmagem das aulas - para que pudéssemos identificar detalhes do processo pedagógico;
- 2) Diário de campo:

Foi feita uma observação aula por aula, relatando se aconteceram situações associadas às categorias de análise elencadas: diagnóstico, julgamento e transformação - para que pudéssemos registrar falas e situações do processo pedagógico associado à análise das categorias.

Categorias de análise:

Na construção do conhecimento pedagógico no decorrer do processo da aprendizagem o aluno irá encontrar três fases possíveis no processo pedagógico, segundo Soares et al (1992). São elas o diagnóstico - o que está sendo abordado, a análise da realidade que cerca o aluno; o julgamento - o aluno juntamente com os seus colegas irá julgar os elementos de ordem técnica, tática e moral, buscando soluções que favoreçam sua participação no jogo e sua visão de classe; a transformação - são as soluções ocorridas no decorrer do processo que é a superação os elementos identificados como prejudiciais à sua perspectiva de classe social.

3.5 Procedimentos

Foram aplicadas 6 aulas de 45 minutos, nas turmas de 4º e 5º do ensino Fundamental na Escola Infância no SESI de Guaxupé- MG. As aulas foram filmadas e registradas em diário de campo.

As aulas 1 a 4 e 6 foram vivências de situação de jogo; a aula 5 foi um debate em sala, em virtude da chuva.

4 Resultados e Discussão

De acordo com o relato realizado no diário de campo, obtivemos os seguintes resultados:

Aula 1:

A aula teve por objetivo construir com os estudantes uma ideia básica sobre o jogo de voleibol, baseado na necessidade de manter a bola no alto o maior tempo possível. Isso foi rapidamente compreendido por eles. Entretanto, não se atingia o objetivo, pois eles jogavam de forma individual, desconsiderando a existência do colega ao lado. Após um rápido debate um estudante levantou uma questão: "por que não tocamos a bola algumas vezes antes de passar para o outro lado"? Tal conclusão mostrou que havia um julgamento pautado nas necessidades táticas do jogo para que se atingisse o objetivo e um juízo de valor, de mais pessoas tocar na bola. A proposta desse e de outros alunos era uma transformação do jogo pautada pela maior participação de todos. Ainda que houvesse algumas dificuldades em colocar em prática a proposta, foi aceita pela maioria.

Aula 2 :

A aula teve por objetivo construir um jogo baseado na necessidade de ter que passar a bola em mais pessoas antes de devolver ao outro lado da rede. Entretanto, os alunos não conseguiam passar a bola sem segurar, mas atingiram a proposta que era passar a bola por mais pessoas. Com isso, surgiu uma proposta num rápido debate no decorrer da aula: "porque não passamos a bola sem segurar? Pois o jogo fica chato e parado, até mesmo desmotivante." A proposta deste aluno não seria uma transformação da realidade das condições de jogo para o grupo, pois para a maioria segurar a bola é o ideal para que mais pessoas joguem. Essa proposta ficou de ser avaliada na aula seguinte.

Aula 3:

Baseado no debate feito no final da aula anterior, os alunos entraram em acordo e através da minha intervenção foi feito um desafio: a proposta dos alunos era passar a bola seis vezes antes de devolver ao outro lado da rede. O desafio proposto então era poder segurar somente três vezes antes de passar para o lado oposto. Com o decorrer da aula foi feita outra intervenção: colocar mais uma bola no jogo para que pudesse ficar mais dinâmico. Os alunos indagaram: "o jogo está difícil

de acompanhar com as duas bolas ao mesmo tempo,” e com isso, os próprios alunos começaram a entender que mesmo o jogo tendo uma dinâmica mais lenta, o importante é atingir o objetivo do jogo que na visão de mundo deles é fazer com todos tenham uma participação ativa no jogo. No momento em que a proposta de mais de uma bola no jogo foi negada, mostrou-se uma necessidade de superar o fato de que o jogo teria que ser mais dinâmico, mais rápido; essa transformação foi marcada pela proposta dos alunos que preferiam matematicamente contar quantos passaram a bola para depois dar continuidade ao jogo.

Aula 4:

A atividade proposta aos alunos foi um desafio para que sacassem de diversas formas, incluindo altura, distância e maneiras de bater na bola. Os alunos tiveram como diagnóstico a compreensão que o saque foi uma maneira de colocar a bola em jogo, mas como em aulas anteriores a bola já havia sido colocada em jogo, essa vivência foi uma descoberta de que pode colocar a bola sacando com braços, mãos, até mesmo utilizando estratégias táticas como força, altura e distância do saque. O saque foi um fundamento que quebrou a dinâmica do jogo, pois dificultava o passe, prejudicando a continuidade do jogo. Também se sacava muito para fora da quadra. Houve um ato judicativo de um dos alunos, de que o saque utilizado com variação de distância e altura atrapalhava o jogo devido ao fato que alguns colegas se perdiam nas bolas que subiam muito alto. Houve uma indagação: “aquela menina fica procurando a bola no alto e quando ela cai não consegue segurar a bola”. Surgiu uma proposta: jogar a bola sem sacar. Depois que a bola fosse passada em mais colegas, utilizava o fundamento saque para devolver a bola, com isso, mostrou o momento de superação com o princípio de coletividade do jogo sobre a priorização da técnica. Essa proposta fez com que os alunos além de assimilar o gesto técnico, a proposta de ter maior o número de participantes em ação no jogo não é deixado de lado.

Aula 5:

A atividade proposta aos alunos foi um debate em sala de aula, refletindo sobre o conteúdo que foi trabalhado em aulas anteriores. Essa aula aconteceu na sala devido à chuva imprevista no início da aula. Foi feita uma proposta interrogando o que é voleibol na concepção deles. Os alunos rapidamente diagnosticaram que é passar a bola em várias pessoas, um jogo que é dividido por uma rede, demonstra

organização e trabalho em equipe, uma brincadeira, etc. Um ato judicativo mostrou que o voleibol pode ser uma brincadeira, mas uma brincadeira levada à sério. Uma aluna indagou: “o voleibol é um jogo muito legal, mas precisa de muita organização e trabalho em equipe, se não levarmos a sério essa organização, fica difícil jogar, porque tem gente que sempre atrapalha nas aulas, tem gente que não gosta de participar e tem condições de jogar e fica parado no meio da quadra, e por isso alguns acabam jogando sozinhos”. A concepção de jogo que aluna possui é fantástica, pois ela sempre sugere estratégias e críticas. No debate ela conseguiu visualizar a diferença do jogo que jogamos em nossas aulas na escola e o jogo que ela e mais colegas já tinham visto pela televisão. O comentário que a estudante colocou em debate, proporcionou uma visão nova sobre o jogo, pois os alunos em conjunto utilizarão a cooperação que irá superar a lógica de individualismo.

Aula 6:

A atividade proposta aos alunos foi um desafio. Eles foram separados em três equipes. Enquanto duas equipes jogavam, a outra orientava. Os alunos foram divididos em equipe 1, equipe 2 e equipe 3; jogaram primeiramente as equipes 1 e 3. A equipe 2 dividiu-se pelos cantos da quadra nos espaços que mais tinham jogadores. O momento em que o jogo perdia continuidade os integrantes da equipe 2 rapidamente auxiliavam, sugerindo uma melhor ocupação de espaço no jogo, o posicionamento em quadra para que pudessem chegar até a bola para passar. Isso acontecia constantemente nos dois lados da quadra. Um momento do jogo em que um aluno indagou: “joga direito“, isso gerou um ato judicativo, pois qual o motivo de não estar jogando direito? Então reunimos a equipe 2 num canto e fazemos um diálogo de quais os motivos que levavam o jogo não estar supostamente de acordo com a proposta. Um aluno fez uma afirmação: “os dois times tem que posicionar melhor na quadra, porque se tiver tudo organizadinho fica fácil de chegar na bola.” Com os fatos que foram debatidos, os alunos da equipe 2 foram orientando as duas equipes, falavam onde tinham que se posicionar, trocaram alguns de posição e propuseram para utilizar o passe pelo menos 4 a 5 vezes antes de devolver a bola ao outro lado.

Ainda na aula 6, outra afirmação chamou a atenção: “Aquele ali fica olhando para cima e dormindo na quadra”. Isso gerou um desconforto para muitos, pois isso

não era a realidade. A intervenção feita por mim era que alguma coisa estava deixando aquelas pessoas perdidas; conseqüentemente, sem vontade de jogar. Com isso algumas propostas relevantes mostraram o momento de transformação da essência do jogo naquele momento: os jogadores organizados passaram a pedir mais interação desses alunos que supostamente poderiam estar desmotivados, com isso eles passaram a ter participação maior no jogo e o entrosamento melhorou. No decorrer da aula foi feito um rodízio para que as outras equipes orientassem também, mas deu tempo somente da equipe 3 fazer essa orientação auxiliar na beira da quadra, durante o jogo da equipe 1 com a equipe 2, não foram apresentadas propostas diferentes em relação aos comentários que surgiram durante o jogo da equipe 1 com a equipe 3. Somente a equipe 1 não orientou as outras duas equipes, por falta de tempo devido ao debate que se prolongou por tempo inesperado, algo essencial para que tudo acontecesse da melhor forma possível no jogo.

Soares et al (1992) nos fala que o voleibol deve ter como prevalência um pensamento de ideologia de jogar a dois ou mais pessoas com o propósito de jogar com o companheiro e não com o adversário, a lógica do coletivo deve superar o individualismo. Foi o que ocorreu nas aulas, pois na visão de mundo dos alunos, o grupo todo deveria ter o direito de participar fazendo de sua parte, uma contribuição ao conhecimento sistematizado do jogo.

A questão de poder segurar a bola é somente uma estratégia facilitadora do processo, pois para os alunos o interessante era ir passando a bola para os outros, só perdia o ponto se ela caísse no chão ou na estratégia de atacar a equipe jogasse a bola para fora. Já foi citado na revisão de literatura na nossa obra de referência (Soares et al, 1992) que os fundamentos do voleibol podem ser ensinados em qualquer série de ensino, respeitando os estágios de desenvolvimento da criança para a vivência dos princípios técnicos – táticos, desde que a formação do conhecimento seja sistematizada e contextualizada.

Como já foi citado na revisão de literatura que existe uma contradição no voleibol denominada erro/acerto, Soares et al (1992) nos explica que o erro deixa de fortalecer o sentimento de fracasso tornando um ato educativo e o acerto não teria conotação de disputa e dominação do adversário, pois na prática vivenciada no

processo pedagógico, encontramos momentos exclusivos de interação do grupo envolvido numa brincadeira, e também essa brincadeira foi encarada como “brincadeira séria” devido a organização espacial para que todos participassem na proposta, e não seriedade que acarreta vitória sobre o adversário. Notamos que no decorrer das aulas houve um progresso dos fundamentos técnicos do jogo, englobados numa perspectiva coletiva que proporcione entrosamento. Com isso o mesmo autor afirma que a exercitação da técnica em determinadas situações de jogo, abre possibilidades de haver um salto qualitativo devido à superação dos erros da execução.

Conforme citado na revisão de literatura, Soares et al (1992) nos afirma que erro/acerto, coletividade, valores éticos e morais e domínio dos fundamentos, são fatores que encaminham à um salto qualitativo no processo pedagógico que permite também a utilização de outras técnicas, táticas, espaços físicos, dentre outros. Essa experiência vivida nesse processo pedagógico nos fez perceber que a coletividade que englobava sobre o domínio técnico nos proporcionou uma visão em relação o aluno, percebendo que estes tinham uma autonomia de propor sugestões e juízos morais, valorizando sua expressão corporal recriando seus fundamentos e sistemas táticos de jogo, ou seja, a cada aula houve um desenvolvimento da autonomia e protagonismo dos alunos, pois iam criando uma concepção de jogo com características de jogo voltadas para o grupo, auxiliando seus colegas na recriação do jogo e assimilação dos elementos técnicos – táticos. Também houve um progresso evolutivo na construção do conhecimento sistematizado dos elementos vividos pelos alunos durante o processo pedagógico, pois os elementos construídos apresentaram uma escala evolutiva em relação ao conhecimento teórico vivenciado e domínios técnicos foram assimilados durante o processo.

5 Considerações Finais

Verificou-se em nossa pesquisa que a tendência crítico-superadora foi viável para a construção do processo pedagógico do ensino de voleibol em turmas de 4° e 5° ano na Escola Infância no SESI de Guaxupé- MG. Durante o transcorrer da pesquisa de campo e através dos instrumentos de coleta, pudemos identificar os momentos pedagógicos aparecendo: o diagnóstico da realidade, os atos judicativos em relação aos elementos prejudiciais ao grupo e as transformações sugeridas pelos estudantes. A filmagem registrou todos esses acontecimentos que surgiram inclusive falas que foram essenciais contribuindo para a visualização das categorias de análises. Os resultados mostraram que ao longo do processo pedagógico os alunos compreenderam o conteúdo que foi vivenciado dando importância ao contexto coletivo de jogo e utilizando e incorporando as técnicas empregadas. O jogo de voleibol foi construído de forma contextualizada, a partir das necessidades e possibilidades do grupo de estudantes. A realização de mais aulas poderia ter contribuído para uma melhor apreensão dos princípios pedagógicos defendidos pela perspectiva. Entretanto, pudemos perceber que os momentos da reflexão pedagógica estiveram presentes durante o processo e que os alunos foram incorporando-os ao longo das aulas. Esperamos que novas pesquisas possam surgir a partir da proposta que elaboramos, contribuindo para um ensino de voleibol mais adequado à realidade dos educando.

FREIRE, João Batista. Educação Física de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

LEMOS, Ailton de Souza. **Voleibol Escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

MARCHI JUNIOR, Wanderley. **Sacando o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. 2001. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Departamento de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.gestaodesportiva.com.br/tese/Marchi_Junior_Tese.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

PEREIRA, Juliana Martins; HUNGER, Dagmar. Formação e atuação profissional no voleibol: opinião de técnicos da cidade de São José dos Campos, SP. **Motriz**, Rio Claro, n., p.93-102, maio 2003. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n2/JPereira.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2012.

RIZOLA NETO, Antonio. **Curso de Treinadores de Voleibol: Nível II**. Poços de Caldas: APV, 2010.

SAYÃO, Marcelo Nunes; MUNIZ, Neyse Luz. A Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Pensar A Prática**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p.187-203, jul/dez 2004. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=O+PLANEJAMENTO+NA+EDUCA%C3%87%C3%83O+F%C3%8DSICA+ESCOLAR:+UM+POSS%C3%8DVEL+CAMINHO+PARA+A+FORMA%C3%87%C3%83O+DE+UM+NOVO+HOMEM++pdf&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.ufg.br%2Findex.php%2Ffef%2Farticle%2Fdownload%2F95%2F90&ei=MqhST461PMmKgwelm8HIDQ&usg=AFQjCNEuT29SWlt9g2rG4Czuy0rwM5dxvg&sig2=13SCKDLyCbOLDFqf-0pQfA>>. Acesso em: 9 jan. 2012.

SILVA, Glauber Dos Santos Ferreira Da. Novas possibilidades para o ensino da Educação Física: um relato de experiência da abordagem Crítico-Superadora. In: **VII ENFEFE - ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Niterói: CEV, 2003. Disponível em: <http://www.rexlab.ufsc.br:8080/more/formulario5>. Acesso em: 25 de maio de 2012.

SOARES et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, Go et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Termo de livre consentimento:



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas
Departamento das Áreas Acadêmicas – Campus Muzambinho

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu _____, RG _____, autorizo meu filho(a) _____ para participar da pesquisa nas aulas de Educação Física que terá como proposta o Ensino do Voleibol na perspectiva Crítico-Superadora em turmas de 4° e 5° ano na Escola Infância no SESI, com aplicação de 6 aulas. Os dados observados serão utilizados para fins científicos do pesquisador Júlio César Rodrigues da Cruz, em cumprimento ao Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Muzambinho, onde serão utilizados recursos de imagens e fotos para observação da pesquisa de estudo de casos, lembrando que os sujeitos da pesquisas não serão identificados por nome, e nem será feita nenhum tipo de divulgação em jornais.

Guaxupé ____ de Março de 2012

 Assinatura do Responsável do aluno

Contato: Júlio César Rodrigues da Cruz, tel: 99663241.

APÊNDICE II



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais
Departamento das Áreas Acadêmicas – Campus Muzambinho

Termo de consentimento Livre Esclarecido

Autorizamos acontecer nas aulas de Educação Física das turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Infância no SESI em cumprimento ao Trabalho de Conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Muzambinho, a pesquisa de estudos de casos será pautada na proposta do ensino do voleibol através da Tendência Crítico-Superadora, na qual a mesma é abordagem pedagógica baseada na perspectiva histórico-crítico. A pesquisa precisa-se de aplicação de 6 aulas com o conteúdo voleibol, onde será abordado seu ensino através do método de ensino proporcionado por um Diagnóstico que é a leitura da realidade do que se trata, um Julgamento dos alunos à respeito da questão do fazer e para que fazer, e a Transformação que é a alteração dos dados reais feito pelos alunos, no qual é atingido por todo grupo o objetivo proposto. A pesquisa precisa-se da utilização de filmagem, para ser estudado o emprego dos resultados e ser feito uma discussão qualitativa dos dados coletados.

Esclarecidos:

Andre Luiz Petrolini

Coordenador de Esportes SESI/ACIG

Veridiana Falcão Preto Ferreira

Diretora Escola Infância no SESI